

Iniciativas Portuenses

O CLUBE FLUVIAL PORTUENSE Símbolo de velhas virtudes «tripeiras»



Alguns dedicados assinantes de O TRIPEIRO vêm, desde há muito tempo, insistindo no sentido de, nas colunas da nossa revista, se publicarem sumários da história de algumas das mais importantes colectividades desportivas da nossa terra que, de há muitos decénios a esta parte, vêm activamente contribuindo para a melhor saúde do corpo e do espírito da mocidade portuense.

Satisfazendo os justos pedidos que nos foram endereçados, iniciamos a publicação dos sumários por onde devíamos, talvez, terminar, para encerrar com chave de ouro — pelo *Clube Fluvial Portuense*, a velha e gloriosa associação ribeirinha, a quem o Porto e a cultura física e nacional tanto e tanto devem.

David José de Pinho — nome ainda hoje prestigioso no meio comercial portuense —, alimentava desde há muito a ideia de subordinar os desportos náuticos, de que era apaixonado cultor, a uma direcção que, regulamentando-os e apetrechando condignamente todas as suas modalidades, de forma decisiva contribuisse para o seu prestígio e expansão no Norte. Para isso reuniu alguns dos seus amigos no primeiro andar do antigo *Café Amaro* (1), ao Muro da Ribeira, e ali nasceu, a 4 de Novembro de 1876, o *Clube Fluvial Portuense*, sob a égide daquele, de José Pereira de Santo Amaro (a quem foi concedida a honra de número 1 da nova colectividade), Augusto Martins da Cunha, Alberto de Queirós, José António Mendes Guimarães, José Ascensão Sousa Barbosa, Amândio Marques Pinto, José Joaquim Pereira e Augusto Pereira Barbedo Júnior.

Por obsequiosa cedência do proprietário do *Café*, o novo *Clube* ficou instalado no edifício do dito estabelecimento até à data em que (1878) se transferiu definitivamente para a sede que ainda hoje ocupa, à rua a que, muitos anos depois, foi dado o nome do glorioso agrupamento cidadão.

Fundado o *Clube* e recrutada, entre os amadores dos desportos náuticos da época, a [necessária

massa associativa e praticante, o *Fluvial* logo tratou da preparação dos seus atletas e, dentro das suas modestas possibilidades iniciais, da instalação e apetrechamento das suas secções de cultura física e da organização da sua frota. O resto, produto



Casa onde, desde 1878, o Clube Fluvial tem a sua sede.

dos esforços associativos e do grande amor votado à colectividade, foi aparecendo depois, lenta mas seguramente.

Até 1880, salvo algumas renhidas lutas em *família*, em que os neófitos começavam já a mostrar o que valiam, nada há a assinalar de notável para a história do *Clube*. O ano seguinte, porém, (1881), viu o *Fluvial*, como o lendário general romano, chegar, ver e vencer — as regatas de Cascais.

Vale a pena recordar o evento.

Realizavam-se naquela formosa baía, com o patrocínio do próprio D. Luís, grande entusiasta e benemérito animador dos desportos náuticos, as importantes regatas anuais da velha e prestigiosa *Associação Naval de Lisboa*, que teve a lembrança de convidar o *Fluvial* a inscrever-se para a disputa de alguns valiosos troféus.

O *Fluvial* ainda não tinha, nem material nem braços suficientemente treinados para provas de semelhante categoria, mas tinha vontade, alma *tripeira* e... David José de Pinho.

Foi, pois, David José de Pinho, com o seu *Tamisa* e a sua valente tripulação, encarregado de representar em Cascais a novel colectividade portuense, e de tal forma se desempenhou da honrosa missão que, nas provas de quatro e seis remos, bateu nitidamente os demais concorrentes, entre os quais estava representada a própria associação promotora das regatas, com tripulações melhor equipadas e muito mais conhecedoras das águas em que corriam.

O merecidíssimo triunfo dos portuenses em provas tão renhidamente disputadas, despeitou os lisboetas ao ponto de, por mero acinte, « se esquecerem » de os convidar para as festas de encerramento do programa. Desse imperdoável « esquecimento », porém, resultou para o *Fluvial* um bem que, nas laudas da sua história, ficou gravado a letras de ouro: o título de *Real*, que D. Luís, desagravando os vencedores do agravo dos vencidos, houve por bem conceder-lhes.

Reparara o Rei de Portugal, que, como já ficou dito, presidia às festas de Cascais, na ausência das tripulações vencedoras das regatas, mas maior foi o seu pasmo quando, no banquete de homenagem aos concorrentes, verificou que a ele não assistiam os valorosos desportistas portuenses.

Estranhando o insólito facto, D. Luís informou-se pessoalmente, junto dos organizadores, dos motivos da não comparência dos *rapazes* do Porto, sendo-lhe testemunhado que tal se devia somente à circunstância de ninguém se haver lembrado de os convidar...

D. Luís ficou indignado. Tão indignado que, depois de censurar ásperamente os autores do increditável lapso... de memória, ordenou ao seu secretário para procurar imediatamente os valentes fluvialistas e para, em seu nome, os convidar para o repasto. Ainda não contente com isso, D. Luís,

ao recebe-los, pediu-lhes desculpa da omissão cometida e, depois de muito os honrar com a pública manifestação da sua simpatia, acabou por oferecer-lhes — o que, está claro, foi aceite com comovido alvoroço — o título de *Real*, sem pagamento de direitos de mercê, para o agrupamento desportivo que tão brilhantemente representavam.

A nobilíssima atitude de D. Luís — sem dúvida o mais honroso prémio que a colectividade conquistou no decorrer da sua já longa e vitoriosa existência — abriu, ao já *Real Clube Fluvial Portuense*, largos horizontes à sua actividade clubista e desportiva e às justas aspirações das suas direcções e população associativa.

Não nos sendo possível, porém, num simples sumário histórico, pormenorizar todos os feitos e realizações de todo o carácter que têm a marca inconfundível da prestigiosa associação ribeirinha, salientaremos as suas efemérides mais notáveis, ou que mais a honraram, honrando, simultaneamente, o próprio nome da nossa terra no firmamento do desporto e do civismo nacionais.

Em 1890, inicia o *Fluvial* uma grandiosa campanha de propaganda pró-desporto, levando a efeito, em vários pontos do país, magníficos saraus de ginástica desportiva, em que os seus atletas, provando à evidência uma preparação que honrava os mestres que o seu *Clube* lhes dava, se fizeram aplaudir sempre até pelas mais exigentes assistências. Os resultados de semelhante propaganda muito contribuíram para a difusão da cultura física em Portugal.

Leva a efeito, no mesmo ano, a primeira grande homenagem nacional à Marinha Portuguesa, que lhe merece uma mensagem especial de agradecimento do Conselho do Almirantado, encerrada numa rica pasta de veludo com as armas reais em prata. Do programa da referida homenagem, um número, pela sua indescriável espectacularidade, alcançou êxito notável — o do imponente cortejo fluvial, em que tomaram parte muitos centos de embarcações artisticamente ornamentadas.

Em 1890, instala o *Clube*, junto da sua estação, um magnífico posto de socorros a náufregos, iniciativa que o Ministro da Marinha aplaude e agradece calorosamente; e, em 1902, ganha uma medalha de honra, na Exposição do Palácio, pela apresentação em Portugal dos barcos tipo *Reunner*.

Em 1904, assiste o Douro a um dos mais formosos espectáculos da sua história: as primeiras provas náuticas do Norte, com a concorrência das mais aguerridas tripulações do País, organizadas sob a superior e inteligente direcção do *Fluvial*.

Em 1906, com o seu posto de socorros, salienta-se na generosa faina do salvamento dos náufregos do *Veroneze*, e presta assinalados serviços durante a calamitosa cheia do mesmo ano.

Em 1909, a trágica explosão do *Guadiana* permite ao *Fluvial* organizar uma grandiosa homenagem de pesar pelos mortos da Marinha Portuguesa,

levando a efeito um grandioso cortejo que surpreende pela sua imponência e austeridade.

Organiza, depois, uma escola de timoneiros e aspirantes de marinha, corpo que presta assinalados serviços ao país no decorrer da primeira Grande Guerra.

Em 1916, ainda por iniciativa da gloriosa associação ribeirinha, realiza-se, com grande entusiasmo e concorrência dos melhores valores nacionais da natação, a 1.^a Travessia do Porto a Nado, prova de grande categoria que é oficializada, no ano seguinte, pela entidade máxima desse hoje tão salutar como abandonado desporto.

Vem, depois, sempre com a marca do *Fluvial*, a *Sociedade de Tiro 43* revolucionar o tiro desportivo, quase desconhecido no Norte, e apresentar-nos um lote de atiradores da categoria do Tenente Anísio Soares, Capitão Aníbal de Jesus, Capitão Oliva Teles, Dr. Carlos Henriques, Tenente Aníbal Moreira, etc., etc., e o famoso trio internacional constituído por Carlos Botelho, Moisés Cardoso e Alberto Andresen Júnior; o *Conselho Náutico*, de que resultou a *Liga Portuguesa dos Amadores de Natação*; a *Federação Portuguesa de Remo*, e, em 1931, os primeiros campeonatos nacionais de remo realizados no norte do País, organizações de elevado mérito nacional que ao *Fluvial*, mais do que a qualquer outro, devem a sua existência.

Em 1934, a direcção da Grande Exposição Colonial Portuguesa comete ao *Fluvial* a organização de um grande Concurso Internacional de Tiro e de um novo Campeonato Nacional de Remo, provas que atingiram, pelo número e valor dos inscritos e pelo entusiasmo dos que às renhidas disputas assistiram, o mais desusado brilhantismo.

Tudo quanto fica rapidamente esboçado, refere-se à grandiosa obra da prestante organização portuense de mais categorizada projecção exterior. No campo da sua actividade interna, no entanto, o trabalho das suas direcções é também, sob todos os pontos de vista, notável, quer pela criação de muitas secções para a prática de novas modalidades desportivas — «Basquetebol», que tem dado alguns dos melhores elementos da selecção nacional; «Box», que formou lutadores da categoria de Tavares Crespo, Albano de Campos, Costa Mendes e Horácio Velha; «Ping-Pong», «Voleibol», «Atletismo», etc., etc., — quer pelo desenvolvimento da sua acção cultural e recreativa, que se assinala através da sua magnífica biblioteca, inaugurada em 1881⁽¹⁾, e das inúmeras organizações literárias, musicais e recreativas levadas a efeito no acolhedor ambiente do seu salão de festas.

Digna de ser posto em relevo é, ainda, a vontade de ferro com que o *Fluvial*, após o desastre que sofreu, em 1932, a sua garagem para embarcações, na margem esquerda do Douro, se entregou



A tripulação do escaler «Noiva» — cinco valentes de antanho, que o próprio *Fluvial* teria muito prazer em identificar...

ao trabalho da construção da sua nova estação que ficará, quando pronta e devidamente apetrechada, uma das melhores da península; a existência da sua banda de música privativa, que em já tão recuados como saudosos tempos deliciava a população ribeirinha com os seus concertos às quintas e domingos; a calorosa e patriótica recepção feita aos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, que honraram o *Clube* com a sua visita; a deliberação da sua Assembleia Geral ao nomear, em 1908, D. Carlos seu presidente honorário perpétuo, e a divergência, inter-sócios, criadora de uma outra notável instituição desportiva e social *tripeira* — o *Sport Clube do Porto*.

O *Clube Fluvial Portuense*, Comendador da Ordem Militar de Cristo, instituição, pelos seus relevantes serviços prestados ao País, considerada de utilidade pública; Medalha de Honra da Cidade e da Cruz Vermelha Portuguesa, é bem um admirável símbolo das velhas virtudes *tripeiras* de trabalho honrado e criador, de inteligência e de carácter.

Bem merece, por isso, o carinho do Porto, que dele, desde há mais de setenta anos, vem recebendo em dobrado o que em bem singelo lhe dá.

N. S.

NOTAS:

(¹) Na fachada deste edificio devia existir já uma placa comemorativa do facto.

(²) Entre algumas boas espécies bibliográficas existentes na biblioteca do *Fluvial*, destacam-se as que à colectividade, com honrosas dedicatórias dos seus próprios punhos, ofereceram D. Luis (três traduções de Shakespeare), Capelo, Ivens, Cândido dos Reis, etc., etc.